

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

HISTÓRIA DA ARTE



Henry Rousseau, Noite de carnaval, 1886.

CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS

***Näifs, Ingênuos, Bruts e
Primitivos:
Espontaneidade e
Vernacularidade na Arte
Moderna.***

Manifestações espontâneas, de fato, na Arte Visual talvez só tenham ocorrido mesmo no período pré-histórico antes de surgirem as primeiras civilizações da antiguidade quando as relações sociais ainda eram primárias, lá as manifestações artísticas não tinham influência da tradição ou externa, portanto, eram mais livres.

Na medida em que a cultura foi se instaurando a espontaneidade também foi se perdendo.

As manifestações artísticas deixaram de ser algo “Natural” e passaram a ser algo elaborado, “pensado” em busca de um fim que não era apenas a expressão, a “artisticidade”.

Aos poucos, um tipo de Arte amparada numa concepção racional e lógica, passa a ser dominante: a chamada Arte Clássica, que vai atingir seu ápice no século XIX. Foi contra isto que os artistas Modernos insurgiram.

A ideia de que a Arte Visual poderia evitar a “contaminação” provocada pela “Erudição” gerada pela cultura tradicional acabou abrindo caminho também para aceitação de uma nova vertente, a vernacular.

Um dos primeiros artistas a investir nela, no século XIX, foi Henry Rousseau no contexto da vanguarda instaurada a partir do Impressionismo.

A crítica, já adversa às proposições Modernistas, não poupou esforços para denegrir ainda mais as atitudes dos artistas que insistiam em não “seguir as regras” da boa pintura, de raiz clássica e hegemônica chamados de Naïfs, (Ingênuos), cuja aparência dos trabalhos se assemelhavam aos infantís pela simplicidade e afastamento da lógica representativa clássica.

A ingenuidade leva o trabalho de Rousseau à liberdade e ao afastamento Impressionismo que já se encaminhava para definir um estilo.

Suas obras, além de investir no afastamento da tradição se caracterizavam pela aproximação com a fantasia, o fantástico e insólito, sob estes aspectos poderia até ser considerado um precursor do Surrealismo que irá surgir na década de 1920.

O mais importante da obra de Rousseau é trazer para o contexto da Modernidade a Vernacularidade.

O conceito de Vernacular se aplica a tudo o que é espontâneo, popular, decorrentes dos hábitos e costumes e pouco afeito às regras ou inovações comumente homologados pela cultura erudita.

O afastamento desta lógica faz dele um artista *sui generis*.

Ao instaurar esta proposição, Rousseau possibilita a inserção de uma nova categoria estética, a da simplicidade. Assim surgem mais artistas que exploram este perfil no contexto da Arte Moderna. Deste modo é que surgiam os novos caminhos estéticos dando vasão às novas experiências artísticas.

Naïf e Ingênuo foi o primeiro modo de se referir às obras destes artistas, mais tarde surgiram outros como, no Brasil, o Primitivo ou Primitivista, mais tarde, Jean Dubuffet, os chama de Brut.

Pode-se dizer que os primeiros seres humanos, na pré-história, ao produzirem suas imagens, o faziam em busca de atender às suas necessidades de subsistência, assim tais imagens tem caráter simbólico e espiritual. Naquele momento as questões técnicas, materiais ou discursivas ainda não estavam postas.

Eles se comportavam espontaneamente em busca de soluções formais, plásticas e visuais para suas criações pois não havia nenhuma escola estética com a qual pactuavam ou confrontavam.

No entanto, ao olhar a Arte Moderna ou Contemporânea, entende-se que tal espontaneidade, simplicidade não é, necessariamente, uma conduta natural, mas uma proposição estética amparada, na maioria das vezes, em discursos sobre a Arte.

Sob esta ótica, pode-se refletir a respeito de dois aspectos distintos:

Um deles é admitir que as obras ingênuas são, de fato, genuínas e resultantes de procedimentos simplistas e singelos de pessoas que não tiveram formação artística ou ainda de portadores de necessidades especiais ou ainda privadas do convívio com a sociedade e a cultura. Nesta linha admite-se que tais artistas são genuínos e espontâneos cuja manifestação é parte consciente e parte inconsciente.

Outra é admitir que esta atitude é resultante de uma proposição consciente, pensada e elaborada para que tais obras produzam “efeito de sentido” de espontaneidade e de ingenuidade, reforçando uma atitude de desprendimento e liberdade expressiva.

Um exemplo disso é uma fala atribuída a Picasso:

“Quando eu tinha 15 anos sabia desenhar como Rafael, mas precisei uma vida inteira para aprender a desenhar como as crianças”.

Assim temos uma proposição e não um ato espontâneo.

Henry Julien Felix
Rousseau, 1884-1910,
Paris. Também chamado de
Aduaneiro por ser
funcionário da alfândega.
Foi um artista de fim-de-
semana, sem formação
técnica mas criativo.
Considerado “Ingênuo”
pelos seus contemporâneos
ao instaurar um modo de
dizer que abriu o universo
criativo para aqueles que
não tinham formação
específica em Arte.

Nas obras de Rousseau, há
elementos fantásticos e
simbólicos que fogem à
pura ingenuidade e passam
por uma reflexão mais
conceitual do que ingênuo.
Como todo artista
desenvolve sua poética
lançando mão dos valores,
conceitos estéticos e
teóricos que têm à sua
disposição para amparar e
justificar sua expressão
artística. Neste caso
Rousseau não era tão
ingênuo assim...



Guerra, 1894.



Cigana dormindo, 1897.



A encantadora de
serpente, 1907



Selva, 1910

Ainda na década de 40 do século XX, na França, Jean Dubuffet, conhece o livro *Artistry of the Mentally Ill* de Hans Prinzhorn sobre os trabalhos de pessoas com enfermidades mentais, como, por exemplo, os esquizofrênicos e reconhece neles a espontaneidade e expressividade modernas e cunha o termo ***Art Brut*** referindo-se a estas características.

Vários pacientes de Prinzhorn foram citados no livro e tiveram seus trabalhos expostos. Entre eles:

Karl Brendel

August Klotz

Peter Moog

August Neter

Johann Knüpfer

Viktor Orth

Hermann Beil

Heirich Welz

Joseph SellFraz Pohl

<http://outsiderart.me/category/europe/page/2/>



August
Natterer:
*Witch's
head*, c.
1915,
Prinzhorn
Collection



August
Natterer:
Axle of the
World with
rabbit, 1919.



August Kotz.



Peter Moog

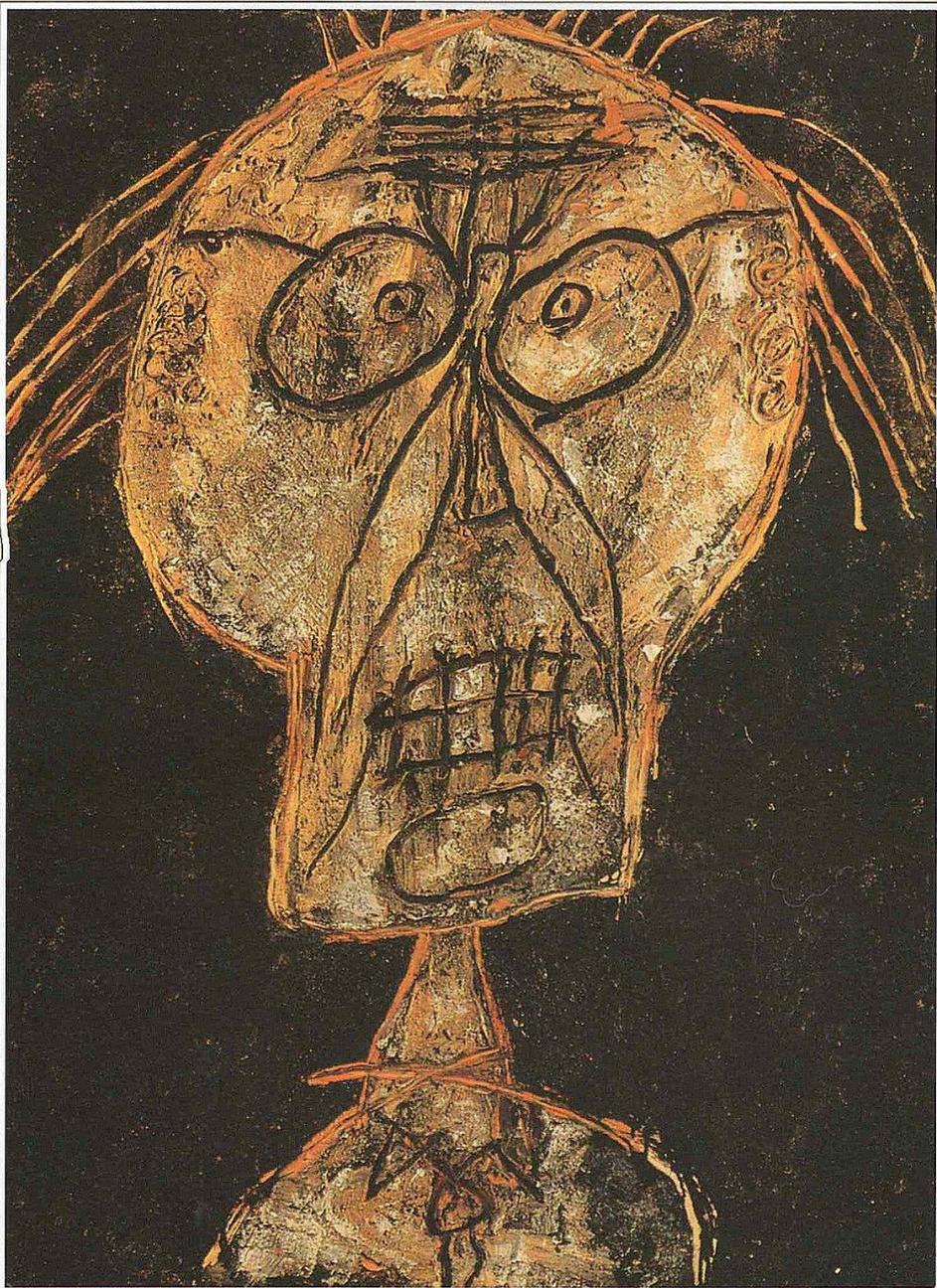
Adolf Wolfly



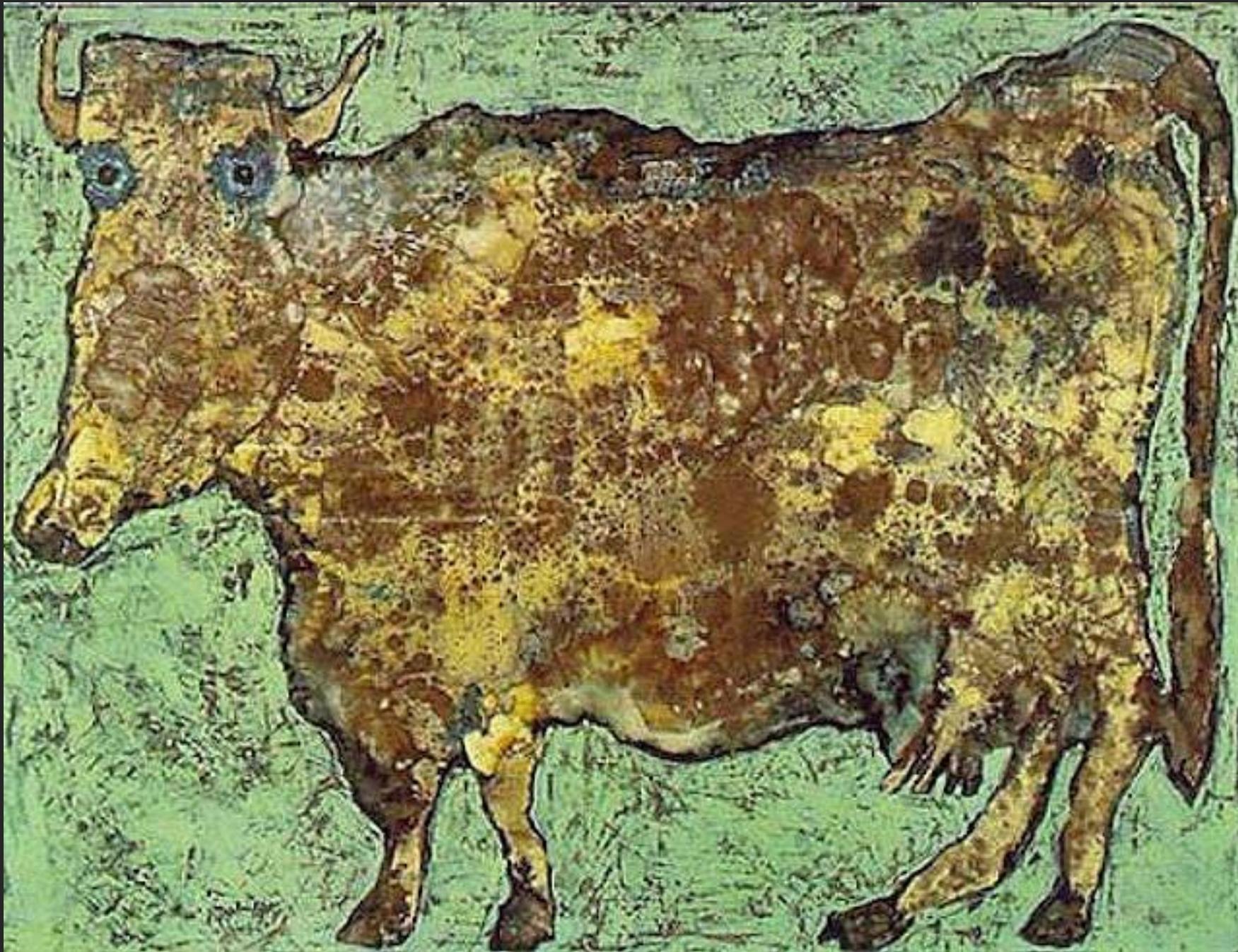
A constatação de que tais pessoas tinham capacidade expressiva independente de formação artística, leva Dubuffet a reconhecer que naquelas obras havia potencial estético. Assim passou a defender e valorizar o que chamou de Art Brüt.

Aquilo que antes era pouco reconhecido, vem a se constituir uma das vertentes da Arte Visual Moderna e contemporânea.

O próprio Dubuffet, consciente desta tendência, passa a desenvolver seus trabalhos segundo esta postura e faz da Art Brüt uma nova proposição estética que, no século XX, a partir dos estudos etnológicos passa a designar a produção artística alijada do contexto social que, por estar de algum modo, isolada e independente da cultura vigente revela simplicidade, ingenuidade, inexperiência, ausência de padrões eruditos.



Jean Dubuffet



Jean
Dubuffet



Jean Dubuffet

No Brasil, também na década de 40 do século passado, o trabalho de Nize da Silveira junto ao Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro cria a "Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR)", cujo resultado leva à criação, em 1952, do Museu do Imaginário composto pelo conjunto de obras dos pacientes daquela clínica.

Em 1956 funda a Casa das Palmeiras, ambiente voltado exclusivamente aos pacientes com patologias mentais. Entre eles Adelina Gomes, Carlos Pertuis, Fernando Diniz, Emygdio Barros e Otávio Inácio. O crítico Mário Pedrosa, ao conhecer tais obras as chama de "Arte Virgem" e a defendê-las como expressão artística as legitima. Assim esta arte Ingênua, primitiva, natural, Virgem, passa a ocupar um campo de estudo, análises e teorização.



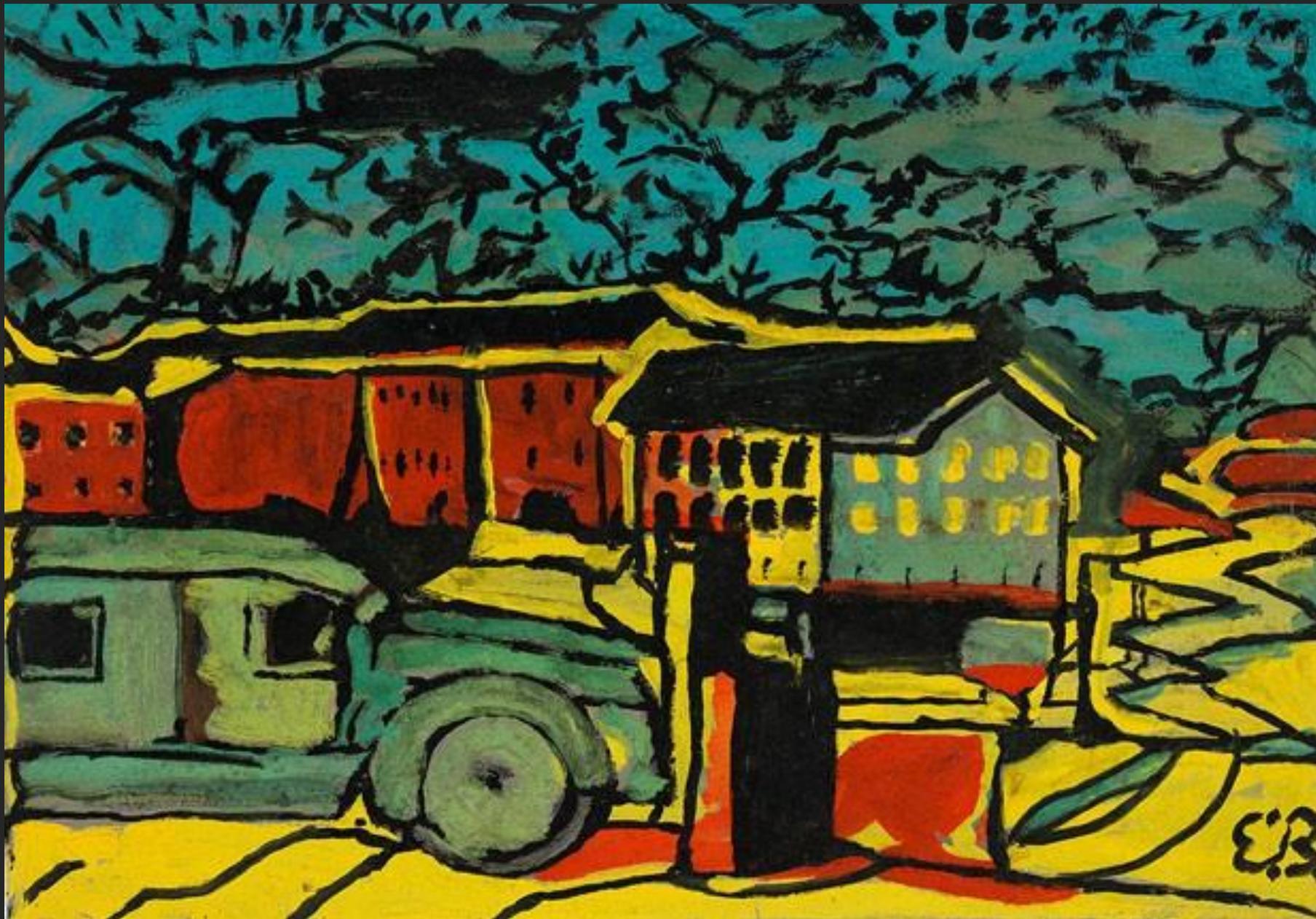
Adelina Gomes



Carlos
Pertuis



Fernando
Diniz



Emygdio Barros



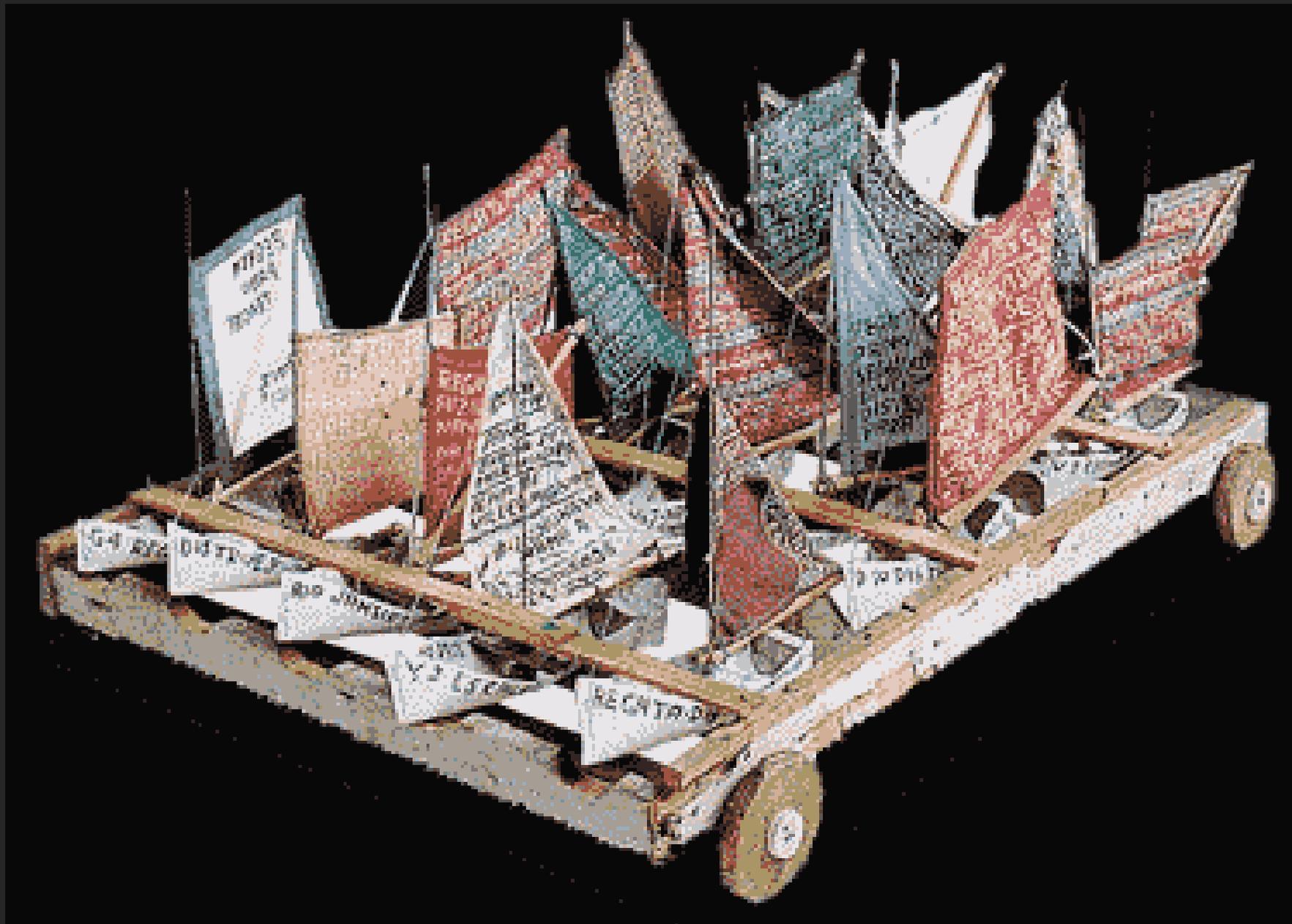
Otávio Inácio

E o grande nome na Art Brüt nacional, internacionalmente reconhecido que é Artur Bispo do Rosário. A riqueza e diversidade de sua obra o transformou num referencial importante para entender o processo criativo de pessoas que, sem as amarras da erudição, cumprem metas estéticas espontâneas e vitais para sua existência e permanência no mundo.





Artur Bispo do
Rosário.
Estandarte



Artur Bispo do Rosário,



Artur Bispo do Rosário, Manto.



Artur Bispo do Rosário.

Dentro do espírito destas manifestações outros artistas modernos passaram a desenvolver suas poéticas tomando por referência a espontaneidade infantil, popular ou ingênua como um marco de suas criações. Assim procuram destituir de seu trabalho as marcas da racionalidade incorporando a afetividade e a espontaneidade como referência.

Antes da constatação de Dubuffet, no início do século XX, Paul Klee já instaurava uma proposta espontaneista. Sua obra tem aspecto intimista e valoriza a liberdade e ingenuidade de caráter infantil. Recorre também às obras dos povos primitivos como referenciais para seu trabalho.



Paulo Klee
Angelus Novus, 1920



Paul Klee,
Senecio 2, 1922



Paul Klee,
Fischzauber,
1925



Paul Klee,
Katze und
Vogel,
1928

No contexto do Modernismo brasileiro também tivemos artistas que trilharam o caminho do Ingênuo, quer por proposição ou mesmo por conta das peculiaridades de seu estilo. Tarsila do Amaral optou, num dado momento, especialmente no período do Movimento Pau Brasil, em dar à sua obra um caráter mais popular e nacionalista, espontaneísta.



Tarsila do Amaral.



Tarsila do Amaral.



Tarsila do Amaral.

Se olharmos também para outros artistas deste período como, por exemplo, Hector Julio Páride Bernabó apelidado de Caribé ou também Aldemir Martins, Kennedy Bahia, Genaro de Carvalho, entre outros, vamos encontrar traços desta postura.

Embora fossem artistas conscientes, não ingênuos na acepção direta da palavra, adotam tal atitude como postura estética.



Caribé



Caribé



Aldemir
Martins



Aldemir Martins



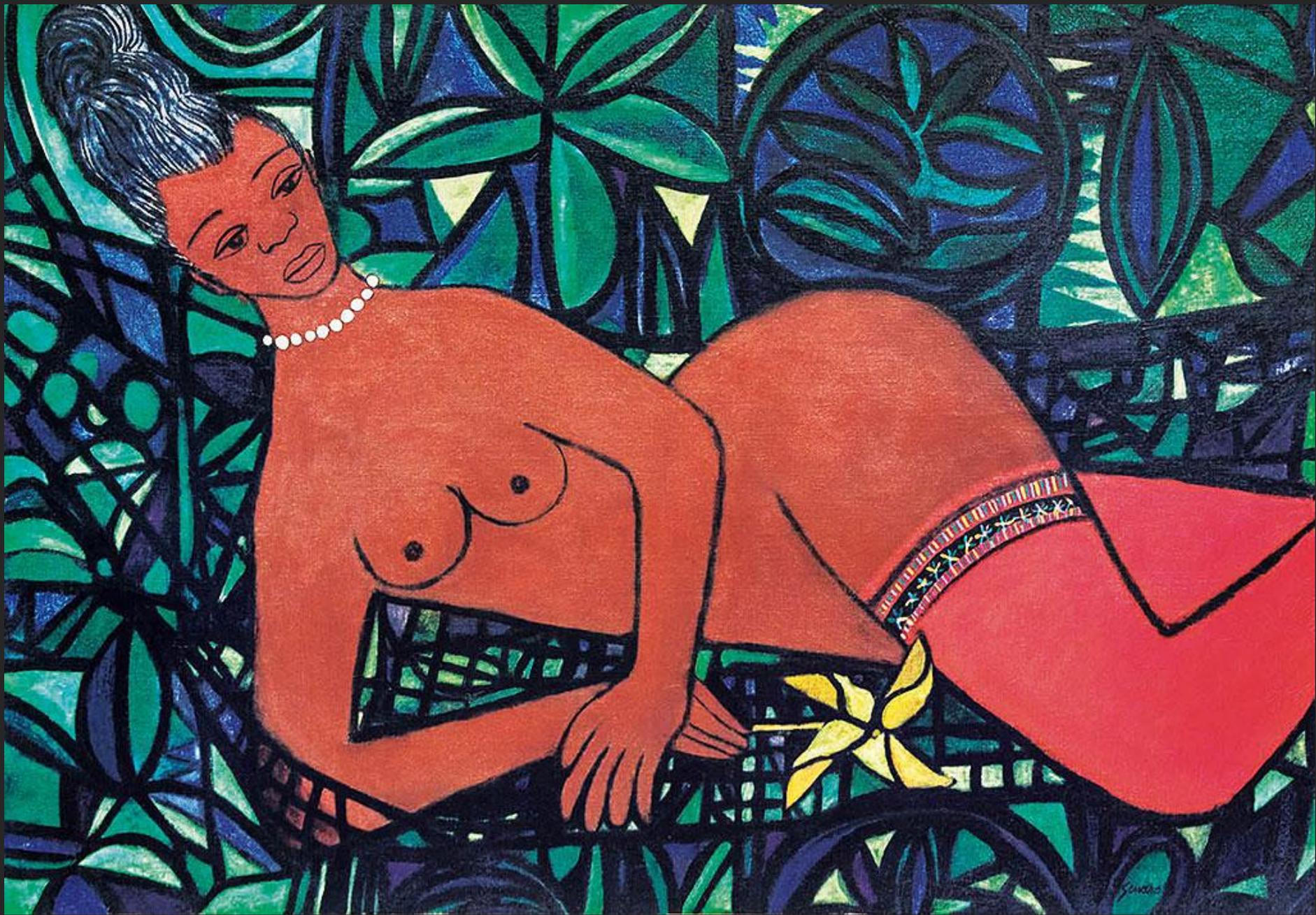
Kennedy Bahia



Kennedy Bahia



Genaro de Carvalho

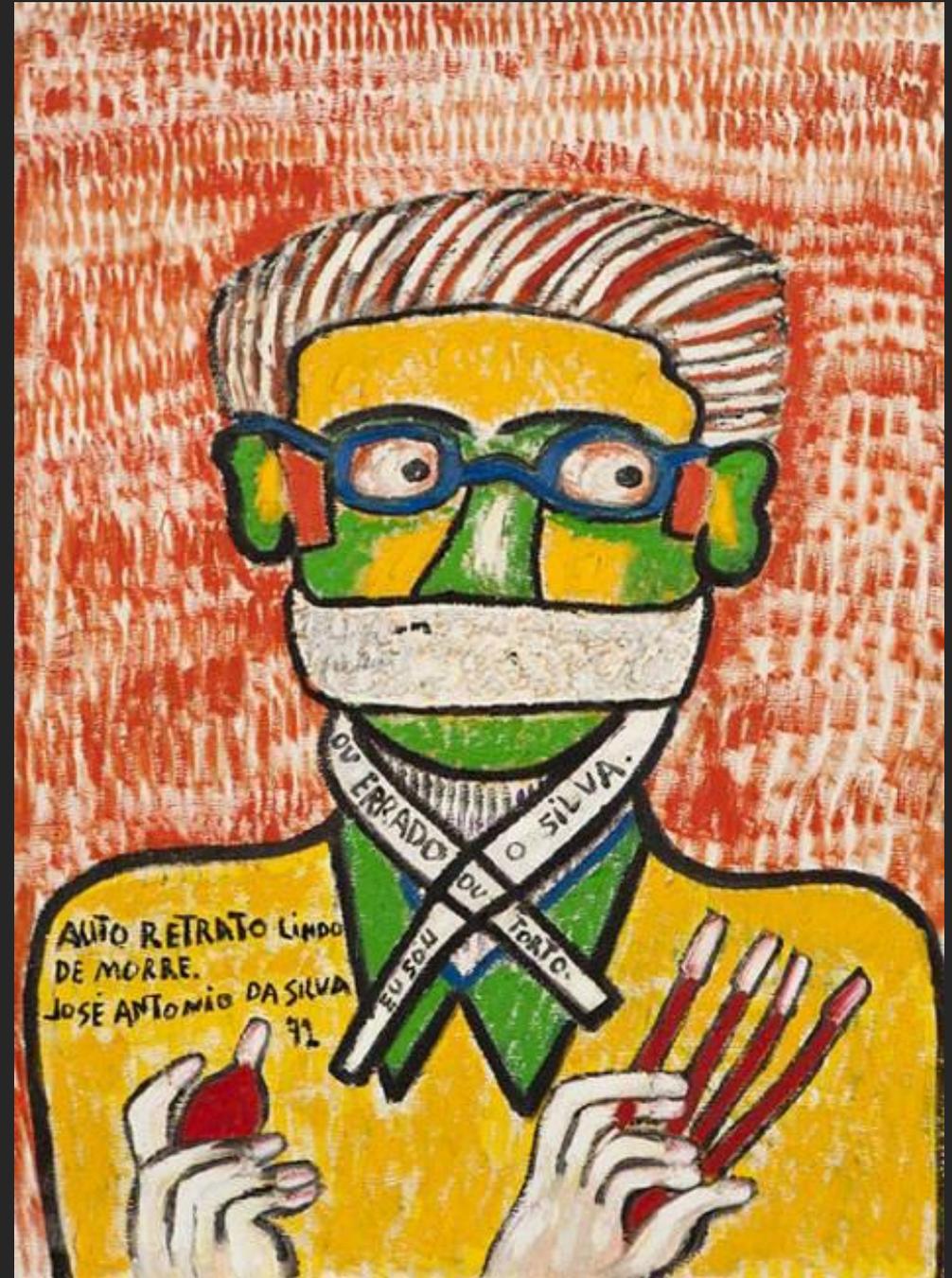


Genaro de Carvalho

Além dos artistas Modernistas, vamos encontrar outros nomes destes artistas Naïfs ou Ingênuos mais voltados à Arte Popular, chamados de "Primitivos".

A Arte Primitiva é um segmento reconhecido pela crítica e pelo mercado.

Um dos mais famosos é José Antonio da Silva, cuja temática aborda o mundo rural e a crítica social.





José Antonio da Silva



José Antonio da Silva

Além de José Antonio, outros artistas são reconhecidos pelo trabalho de inspiração ingênua e espontânea com temática de caráter popular ou folclórico os torna dignos do reconhecimento no sistema de Arte vigente como Heitor dos Prazeres, Djanira Mota e Silva, José Bernardo Cardoso Júnior o Cardosinho, e Vitalino Pereira dos Santos o Mestre Vitalino.

<http://artenaifrio.blogspot.com.br/2012/06/nascido-em-jurupema-sp-em-23071948.html>



Heitor dos Prazeres.



Djanira
Mota e
Silva.



Cardosinho



Mestre Vitalino, é um marco no contexto popular, também chamado folclórico.

A Arte não deve ter fronteiras ou segregações e deve ser reconhecida como coisa humana sem dogmas, estilos, escolas, tendências ou preferências. Embora o Mercado de Arte possa eleger um ou outro artistas, uma ou outra tendências como relevantes para seus negócios, nem sempre são embasados em proporções conceituais.

Em síntese, é difícil não reconhecer as conexões entre os artistas aqui relacionados, sejam eles de origem erudita ou popular. Independente de suas práticas serem espontâneas ou eruditas, é patente que tais manifestações constituem um segmento importante e se mantêm como uma tendência estética ainda vigente no Brasil e no Exterior.

Atualmente a ***Galerie ART CRU Berlin***, mantém um espaço contínuo de mostras dando oportunidade à pessoas portadoras de necessidades especiais, que desenvolvem trabalhos artísticos em Artes Visuais. Segue os mesmos princípios que motivaram tanto os estudos clínicos de Prinzhorn quanto a postura de Dubuffet.

<http://www.art-cru.de/galerie>

No Brasil, o acervo de Artur Bispo do Rosário, ganha espaço, no Rio de Janeiro, no local onde viveu grande parte de sua vida, no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, antiga Colônia Juliano Moreira. Na 30ª. Bienal de S. Paulo, teve uma sala especial e o devido reconhecimento pela estratégia discursiva e o conjunto de sua obra.